



## FOLHA INFORMATIVA N°27-2011

### *Tejo, Cais da Lezíria*



*Ai, Tejo! Tejo que amaldiçoo quando avaro, escasseias no peixe e me devolves redes vazias! Tejo que amo quando, em ti, me encanto nas curvas sinuosas do teu leito! Minha tumba e meu berço. Tejo, raiz da minh'alma.*

*Tejo, meu Tejo, que, hoje, erguido de ti, invades a areia das margens em silhuetas docemente femininas. Ninfas etéreas desnudadas perante o meu olhar incrédulo e ávido de tamanha beleza. Vozes cantantes que turvam a razão do meu sentir, como este rouxinol trinando, oculto na densidade dos salgueiros.*





*Sou tua, Tejo. Tens-me cativa. Com correntes feitas de redes. Com algemas feitas de barcos. Para aqui me desterrei, Tejo, mas vim de coração solto. Por isso, sou livre*

*nesta prisão. Sou livre porque te amo. Muitos te têm cantado, idolatrado, imortalizado em versos feitos de água, água doce, como as que correm em ti. Muitos te têm sonhado em lendas de amor e encantos, em cantos de ninfas feitas espuma. Meu Tejo de auroras claras. Meu Tejo de ocasos escarlates. Tejo, meu rio de cor. Tenho um coração pescador, em lances de pura entrega. Arrasto-te para a margem, como náufrago no último sopro.*



*Ah! Quantas vezes, sou feliz. Entregaste, por inteiro. Sem segredos, sem queixumes, sem rodeios. Outras vezes, Tejo, parece que te desconheço. Irado, faminto, agreste.*

*Quantas faces tens tu, amado Tejo?*

*A lezíria vive enamorada de ti. Deste rio que foi caminho e vida. Deste rio que caminha para a vida. Uma vida diferente, porque de mudança se faz todas as vidas.*

Outrora, rumo certo do escoamento de produtos, o Tejo foi estrada fluvial, por excelência. Muitos ousaram sonhar com pontes que ligassem as suas margens, permitindo a travessia das populações e dos carregamentos por terra, ao invés da limitação de o fazerem com barcas e barcaças. A implantação e melhoria da rede viária (caminhos de ferro e estradas)



facilitaram o escoamento e a ligação entre as vilas ribeirinhas e o cais de Lisboa.

Pouco a pouco, o trânsito fluvial foi decrescendo, os marítimos encontraram outras formas de subsistência e muitos dos

pescadores voltaram-se para o campo. Com a industrialização e a construção de barragens, o rio perdeu o estatuto soberano de via comercial. Deixou de ser sinónimo de fartura, de abundância de peixe, de destino de vida. As redes passaram a ser lançadas como complemento de uma vida que se entregava, então, ao cultivo nos campos. Os pescadores tornaram-se “híbridos”. Sem esquecer o rio que foi sustento, integraram-se nas campinas e nas sementeiras do milho, do tomate, do melão.



Quem chega à Chamusca é recebido de braços abertos pela vila e pelas gentes.



Aqui, tudo evoca o passado e o progresso sustentado, necessário à afirmação, no presente, de uma terra com história, voltada para o futuro. Chamusca ostenta nos seus painéis de azulejos, páginas de si, a azul e branco. Oferece-se em calçadas, em miradouros, em jardins de puro deleite. Do Tejo parte o olhar e para o Tejo o olhar converge.





Ciosa de um património construído, preservam-lhes os traços originais, a par da funcionalidade adaptada. Deslumbramo-nos com as casas apalaçadas, com as igrejas, testemunho da fé do povo, com os cantos e recantos desta vila, que aquece ao sol das campinas e se refresca na água do rio que lhe banha os pés.

Chamusca sabe receber. Chamusca que é agrícola, piscatória, comercial, industrial. Chamusca que alia a riqueza do Tejo, à riqueza das suas gentes. Que faz do turismo ambiental e cultural uma promoção do que de melhor tem para dar. Que congrega sinergias para um desenvolvimento sustentado.



Esta Chamusca de hoje, que reconhece no seu passado, a valorização do seu presente. Aqui se fixaram diversas gentes. Terras de nobreza e de povo. De agricultores e pescadores. Por aqui, também, deixaram marcas uma gente especial; oriunda do litoral centro-oeste, buscaram nas margens do rio, o sustento que o mar revoltoso de Inverno lhes negava.



O tempo opera  
mudanças.  
Mudanças nos  
modos de pensar,  
de sentir e de viver.  
Estas comunidades  
fechadas de um  
grupo muito  
peculiar de  
pescadores, os  
“avieiros” abriram,  
gradualmente, as  
fronteiras do seu  
mundo e tornaram-  
se mais permeáveis  
à influência das  
comunidades rurais  
da lezíria. Contudo,  
mantiveram a sua  
identidade e  
orgulhosamente,  
distinguem-se dos  
demais pela  
singularidade  
marcante da sua  
história.





**“Tejo, cais da Lezíria”** foi um acontecimento cultural memorável na homenagem a este rio, fonte de vida, às gentes que dele viviam, ao fado, às artes e à poesia que envolve os laços insolúveis de terras de aluvião e as suas águas correntes.



Pode dizer-se que Chamusca é o coração do Ribatejo. Da alma ribatejana que fala das campinas, de toiros, de cavalos, de vinho, de milho a dourar ao sol; da alma que também fala de Tejo, de bateiras, de barcas, de canoas, de redes, de pescadores, de peixe e de cheias. Tejo tem aroma de vinho maduro e sabor a peixe fresco.

Com o Tejo como pano de fundo, nas areias do *Porto das Mulheres*, Chamusca, **“Tejo, cais da Lezíria”** trouxe até às suas margens mais de uma centena de pessoas nos finais do mês de Julho de 2011. Entre fado, exposições, teatro e dança, comemorou-se a ligação do rio com as gentes. **“Avieiros no canto das Tágides”**, o espetáculo final emocionante destacou-se pela qualidade dos textos, coreografia e interpretação e pelo envolvimento afetivo gerado entre o Grupo de Teatro do Ribatejo e a assistência.





Momento alto foi a entrega simbólica do cartaz publicitário deste evento aos “avieiros” presentes. Contou-se com a presença do Senhor Presidente da Câmara Municipal da Chamusca – Sérgio Carrinho, do Senhor Vice Presidente da Câmara Municipal da Marinha Grande – Paulo Vicente, e do representante do Projeto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional e a Património Imaterial da UNESCO.





O antigo *Porto das Mulheres*, numa foto histórica

*Porto das Mulheres*, um dos muitos e emblemáticos locais ao longo do Tejo com marca “avieira”.

A noite desceu sobre a vila e o rio. Calaram-se as aves nos ramos e o gado nos currais. Os cavalos recolheram aos estábulos. A bravura taurina cedeu lugar ao repouso. A lida do campo interrompeu-se. Tudo parou menos o “Cais da Lezíria” que aguardava para se “erguer”.

Ergueu-se o espetáculo e o público. Uma ovação de pé, arrepiante, percorreu a margem escura do rio. As Tágides, as verdadeiras, silenciaram-se, ciumentas das que aqui, tão bem, encantaram esta noite.

O fado também é expressão da beira Tejo. A saudade, expressão de todo um povo.

“As coisas vulgares que há na vida  
Não deixam saudades  
Só as lembranças que doem  
Ou fazem sorrir  
Há gente que fica na história  
da história da gente  
e outras de quem nem o nome  
lembramos ouvir” (Mariza, Fado)

Travo-me de conversa com um grupo de “avieiros”. Falo-lhe da vontade de penetrar nos “segredos” das suas vivências. A noite, proporciona confidências.

“- Sabe - diz-me o Senhor Joaquim Marques, esta gente é fechada. Eu não sou “avieiro”. Aqui a minha mulher é”.

Apresenta-me a D. Maria do Carmo Fernandes, Maria Pescadora, como lhe chamam. Todos têm uma alcunha.

*“ - Eu sempre fui bem aceite por eles. Já os meus cunhados não – continuou. Ela era a filha mais nova. Os pais vieram da Praia da Vieira para aqui. O pai chamava-se Francisco Sequeira Fernandes. Se fosse vivo tinha agora 103 anos. A mãe era Maria da Glória Grilo.*

*Havia aqui (Porto das Mulheres) 3 ou 4 famílias. Além (Porto do Carvão), mais 3 ou 4. Havia rivalidades entre eles, mas é quase tudo da mesma família. Isto são só primos e primas.*

*A minha mulher tinha ali no cimo uma barraca. Em anos de cheias valentes, a água chegava lá. Nem imagina o “ror” d’água que isto leva!*

*Pois vou-lhe contar uma história pra ver como esta gente é fechada” – continuou.*

*“ – Aí há uns vinte anos ou mais, andava eu a ceifar erva com ela, ali prá frente. Estava internado no Hospital da Chamusca um familiar deles que era pescador da Azinhaga. Chega um grupo, prá aí com 30 pessoas, nos barcos. Encostam na margem, mesmo ali ao pé da gente e perguntam se sabíamos onde ficava a barraca do Ti Francisco (pai da D. Maria do Carmo). Ora a minha mulher nem pra eles olhou. Continuou “abaixada” a cortar a erva. Podia dizer alguma coisa, mas não. Nem levantou a cabeça quando ouviu o nome do pai. Nada. Não disse nada. E eu é que lhes indiquei o caminho prá barraca, mas sem dizer que era o meu sogro. Sei lá... Eles são assim. Fechados. É uma gente assim. Eu cá sempre fui bem aceite.”*

Fiquei a vê-los afastarem-se na areia. Ela abraçando o cartaz. Ele caminhando ao lado. Subiram a rampa e sumiram-se na noite em direção a casa. Uma casa um pouco mais longe do rio. Deste rio que é parte das suas vidas e das suas histórias. Perderam-se na escuridão, levando com eles memórias que, aos poucos, vão partilhando. Fiquei no areal. Volvi um último olhar ao Tejo, ao rio que é cais da lezíria, às redes que ficaram na areia e às Tágides que pareciam ondular em tule azul, como a água correndo mais adiante. Agora escura. Misteriosa.

“Menina em teu peito sinto o Tejo  
e vontades marinheiras de aproar  
menina em teus lábios sinto fontes  
de água doce que corre sem parar

aprendi nos "Esteiros" com Soeiro  
aprendi na "Fanga" com Redol  
tenho no rio grande o mundo inteiro  
e sinto o mundo inteiro no teu colo

aprendi a amar a madrugada  
que desponta em mim quando sorris  
és um rio cheio de água levada  
e dás rumo à fragata que escolhi”

( interpretado pelo CTR, música e letra de **Pedro Barroso**  
in álbum "Cantos da borda d'água" 1985)

**Ana Paula Pinto**

**Carlos Vitorino**

**Outras imagens da Chamusca, do Porto das Mulheres, e do Grandioso Espetáculo “Tejo, Cais da Lezíria”**

























### **Texto introdutório para a presente Folha**

Celebrar o Tejo e as suas gentes IV – “Tejo, Cais da Lezíria”, um acontecimento cultural memorável, na Chamusca

Esta é uma nova Folha elaborada pelos nossos colaboradores Ana Paula Pinto e Carlos Vitorino. Estiveram na Chamusca, no *Porto das Mulheres* e presenciaram um espectáculo cultural nocturno memorável, num palco natural montado em plena praia fluvial.

De acordo com os autores, “foi com muito gosto que elaborámos este apontamento sobre a noite (...) em *Porto das Mulheres*. Se é verdade que os “avieiros” tocam o coração, não é menos verdade que a sua “descoberta” nos torna ávidos de mais”.

Trata-se da quarta Folha que dedicamos à celebração do Tejo pelas populações ribeirinhas, num curto espaço de tempo, em localidades distantes e em contextos diferentes.

Algo se está a passar na relação afectiva das populações com o seu rio, o seu tão amado e esquecido Tejo.